

# JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES: DO ENTENDIMENTO DA OBRA AO ESTUDO DE SUA RECEPÇÃO

*JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES: FROM THE UNDERSTANDING OF THE WORK TO THE STUDY OF ITS RECEPTION*

**Krisley Aparecida de Oliveira<sup>1</sup>**  
PPGH-UFG

**Resumo:** O esforço de tentar trazer luz ao trabalho e pesquisa de José Honório Rodrigues nesse texto, parte de sabermos da importância de tal historiador no cenário dos estudos de historiografia brasileira, e, entendendo-o como uma figura que merece local especial, primeiro enquanto um dos pesquisadores que mais dedicou-se ao tema, na produção e investigação de livros de história, a ponto de ser considerado, pelos que já se debruçaram a estudá-lo, como o que mais produziu sobre o assunto, e, em segundo, por ser autor de inúmeros livros, relativos a diversos assuntos, temas e acontecimentos marcantes na história do Brasil. Portanto, pensar como foi, e é, a recepção, análise e estudo da obra de José Honório na academia, é de extrema importância para a preservação e compreensão de tão notório pensador.

**Palavras-chave:** José Honório Rodrigues – Historiografia brasileira – Pesquisa histórica.

**Abstract:** The effort to try to bring light to the work and research of José Honório Rodrigues in this text, is based on knowing the importance of such a historian in the scenario of studies of Brazilian historiography, and, understanding him as a figure that deserves special place, first as one of the researchers who most dedicated to the subject, in the production and research of history books, to the point of being considered, by those who have already studied this, as to the one who produced most about the subject, and, secondly, for being the author of countless books on various subjects, themes and events that are striking in Brazilian history. therefore, to think how it was, and is, the reception, analysis and study of the work of José Honório in the academy, is of great importance for the preservation and understanding of such a notorious thinker.

**Keywords:** José Honório Rodrigues – Brazilian historiography – Historical research.

<sup>1</sup> Mestranda em História pelo programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás; bolsista da CAPES; e-mail: krisley6@hotmail.com.

*[...] Todo historiador, como todo escritor,  
É a soma de si mesmo,  
de todas as suas raízes e influências.  
José Honório Rodrigues<sup>2</sup>*

O objetivo do presente texto será lançar mão de uma análise acerca da recepção da obra de José Honório Rodrigues na academia, e o que vem sendo produzido acerca do mesmo, tendo em vista, o considerarmos um grande nome e representante da historiografia brasileira.

Para tanto é importante salientarmos que, o momento crítico dos estudos historiográficos costuma ser entendido como o sintoma de um momento singular de crise da disciplina nas décadas finais do século XX, marcada por uma tomada crítica e reflexiva dos historiadores acerca de seu ofício e dos pressupostos da pesquisa histórica. Mais do que simples, para alguns, e mais inquietante para outros, questão de campo disciplinar, o que se observa e analisa agora é o problema de uma "consciência historiográfica", para utilizarmos a expressão de Pierre Nora, o que contribuiu de forma decisiva para o entendimento da historiografia como lugar de memória e, portanto, como objeto, entre outros, de investigação dos historiadores.

Em busca de desvencilhar a identificação do conhecimento do passado com simplesmente o exercício de rememoração, a história da história, aliada às demandas dessa nova "etapa epistemológica" da disciplina, passou a se orientar por uma sequência de questionamentos acerca dos procedimentos e categorias conceituais que tornam possível a sua produção, bem como das mediações sociais de sua difusão.

No que se refere ao contexto brasileiro, os estudos de José Honório Rodrigues, costumam ser atribuídos como pioneiros para a historicização da produção historiográfica nacional (GUIMARÃES, 1995). Enfim, desde que passou a ser entendida

---

<sup>2</sup> Nota manuscrita de José Honório Rodrigues encontrada por Leda Boechat Rodrigues dentro de um volume do *Brasil e África*.

como dotada de historicidade, ou seja, condicionada pelo ponto de vista de seu autor, lugar de sua elaboração e tempo, tanto a pesquisa como a escrita da história passaram a demandar a abordagem crítica das produções historiográficas que a precederam.

Dividiremos o nosso texto em três partes para melhor compreensão da amplitude da obra e estudos sobre José Honório, no primeiro momento, falaremos um pouco acerca de sua biografia, pois entendemos que está diretamente ligada à sua produção intelectual. No segundo momento, faremos um breve levantamento acerca da produção historiográfica feita por José Honório, e, por fim, uma investigação acerca da recepção da obra do mesmo dentro da academia e como ele vem sendo estudado.

### **Vida refletida em obra**

Como é comum entre escritores, a biografia de José Honório é eminentemente intelectual. Teve uma vida dedicada a uma causa (o cultivo da história), consumindo-se nela, portanto, não há que se procurar em sua vida momentos de aventura, cargos cheios de pompas, ou atitudes estrondosas. Em nosso breve texto, daremos ênfase apenas em sua formação e nos cargos que ocupou, o que em nossa percepção evidencia uma coerência exemplar de comportamento, e, pensamos que, está aí a chave para o entendimento de quanto escreveu.

Nasceu no Rio de Janeiro, em 20 de setembro de 1913, saiu de sua cidade algumas vezes para viagens, quase sempre de trabalho. Mesmo quando viajava a passeio, não deixava de visitar, arquivos, bibliotecas e museus. Passou temporadas mais longas no exterior, com bolsas de estudo e pesquisas, ou enquanto professor, em encargo de grande significado no cultivo da especialidade escolhida. Passou quase toda a sua existência morando no Rio de Janeiro, o que lhe agradava bastante, pois amava a cidade com exaltação, fosse no Centro antigo, rico de passado, ou em Ipanema, em seu apartamento próximo da praia. No exterior, ficava quase sempre

deslocado, renegando os hábitos ou comidas, nostálgico da paisagem habitual. Entusiasmado referia-se à condição de carioca, de raízes materna e paterna.

Sentia-se orgulhoso de ser contemporâneo de dom Pedro II e Machado de Assis e outros brasileiros eminentes, todavia amava sobretudo o seu povo, com a forma de ser alegre e descontraído. Escreveu sobre o tema algumas vezes, principalmente em 1965 e 1966, na ocasião do IV Centenário da cidade, em dois longos artigos, sendo eles: "*Características históricas do povo carioca*" e "*O destino nacional da cidade do Rio de Janeiro*"; incorporados ao livro Vida e História.

Via nas origens do negro banto e minhota, a principal razão das características notadas no povo de sua cidade. No entanto, a caráter de curiosidade, orgulhoso da terra e do povo, não tinha muito de carioca.

Nesse sentido, a afirmativa refere-se ao estereótipo: o carioca estereotipado, seria alegre, solto, despreocupado, chegando, nas formas extremadas e distorcidas conhecidas comumente, à malandragem e certa irresponsabilidade. Na linha desse estereótipo, era pouco carioca: nenhum pouco lírico, não tinha senso de humor, quase obcecado pelo trabalho e por quanto julgava ser verdadeiro. Não possuía a disponibilidade atribuída aos conterrâneos. De acordo com Francisco Iglésias (1988), outro respeitado historiador e intelectual, José Honório cultivava certo gosto pela vida, mas de forma desajeitada, não se adaptava às situações, amava o mar, a praia e as caminhadas, no entanto, implicava com coisas e pessoas, chegando a detesta-las.

Prova disso, ainda segundo Iglésias (1988), é seu gosto pelo futebol: ia aos estádios como fervoroso torcedor do Flamengo, vendo os outros clubes como inimigos. Não considerava o jogo uma disputa esportiva, mas sim uma guerra. O futebol dava-lhe mais dissabor que prazer, pois se comemorava as vitórias de seu time, amargava as derrotas e principalmente as glórias dos outros. Gostava de frequentar congressos, reuniões, academias, todavia, indispunha-se facilmente com os outros, causando atritos geralmente desnecessários, que lhe perturbavam muito a existência. Apreciava ser convocado para debates e conferências, e principalmente, do convívio com os jovens.

Só se saía bem, no entanto, quando não tinha que dividir o público com outras pessoas, por exagerado senso de competição. Esse traço, criou-lhe inúmeras dificuldades e contribuiu para uma vida de amarguras e queixas, completamente destituídas de razão, evidente, pois era muito bem realizado na vida pública e particular, enfim, peculiaridades secundárias de uma personalidade que afirma-se pelo conjunto de sua obra, não por esta ou aquela virtude ou insuficiência.

No Rio, José Honório cursou, como centenas de brasileiros naquela época, a Faculdade de Direito, bacharelou-se em 1937. Foi parte de uma turma brilhante e teve professores notáveis, dos quais guardaria boas recordações. No entanto, não se dedicou à advocacia. O direito lhe tocava pouco à sensibilidade, assim, o universo jurídico, preso mais ao ideal do que ao real, não era provocante para a sua inteligência. Foi então trabalhar no Instituto Nacional do Livro, com Sérgio Buarque de Holanda, permanecendo de 1939 a 1944.

Nesse mesmo período, teve a interessante oportunidade de uma bolsa da Fundação Rockefeller, para um curso na Universidade de Colúmbia e pesquisas que lhe mostraram a riqueza dos arquivos estadunidenses, e a importância dos estudos acerca da metodologia, quase ignorados entre nós, o que foi fato decisivo em sua carreira e mesmo na história da documentação no Brasil, ponto ao qual abordaremos de forma mais profunda, mais à frente em nosso texto. Passou um ano nos Estados Unidos, entre os anos de 1943 e 1944. Em 1945 foi bibliotecário do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), escrevendo, portanto, desde 1942, inúmeros artigos sobre a trajetória da economia açucareira na revista do IAA.

De 1946 a 1958 foi diretor da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional, outro aspecto notável em sua biografia e obra. No exercício da função, teve conhecimento do mais importante na bibliografia brasileira. Como habitual, leu o quanto pôde, preparando-se para então, se tornar um erudito, futuro autor de livros fundamentais para domínio da historiografia, da qual veio a ser o mais completo conhecedor. Entendemos que sem a passagem por esse cargo não teria condições de escrever muito do que melhor escreveu.

Ao mesmo tempo que estudou em abundância nesse período, trabalhou igualmente, onde dinamizou a divisão incumbida de duas coleções das mais importantes do órgão, a de Documentos Históricos e a de Anais da Biblioteca Nacional, editando em uma 40 e em outra 9 volumes, entre 1946 e 1955, número jamais atingido por nenhum outro dos diretores da importante divisão da Biblioteca.

Analogamente a este trabalho, começou também sua carreira de professor. De 1946 a 1956 deu aula no Instituto Rio Branco, para formação de pessoal do Itamarati, onde permaneceu na seção de pesquisas do mesmo instituto, entre 1949 e 1950, trabalhando no arquivo do Ministério das Relações Exteriores, um dos mais ricos do país. No preparo de suas aulas escreveu uma história diplomática do Brasil, que não chegou a publicar. A história diplomática foi uma dentre tantas as preocupações mais constantes, o que o levou a dedicar mais de um livro às relações exteriores.

Durante esse período, desenvolveu outras atividades. Em 1950 obteve bolsa do Conselho Britânico, realizando proveitosa viagem à Inglaterra, onde conheceu pessoalmente Arnold Toynbee, tendo inclusive, dedicado parte importante acerca da relação entre Toynbee e a Filosofia da História, no livro *História e Historiografia* (1970). Visitou também outros centros, como Portugal, Espanha, França, Itália e Países Baixos, portanto, teve oportunidade de conhecer arquivos e mais instituições interessadas em história.

Em 1965 fez o curso na Escola Superior de Guerra, nesse momento, passou a interessar-se mais pelo período ao qual vivia do que pelo período colonial. Foi professor da Faculdade de Ciências Econômicas do Estado da Guanabara, na Universidade Federal Fluminense, em Niterói, e também na Universidade Federal de Rio de Janeiro, mas sem continuidade ou por períodos longos. Deu aulas por certo tempo na Universidade de Brasília, mesmo permanecendo no Rio de Janeiro. Foi também professor-visitante na Universidade do Texas, em Austin, em 1963, 1964 e 1966, bem como na de Colúmbia, em Nova York, em 1970. Recebeu ofertas para ficar nos Estados Unidos na década de sessenta, mas recusou-as, como já mencionado, e tendo como base pesquisas anteriores, ele não sentia-se bem fora do Brasil, talvez

por isso seu interesse e desejo por realizar todas as pesquisas que fez acerca de nosso país.

Ainda no período de 1958 a 1964, ocupou o cargo mais importante de sua trajetória como funcionário público, nesse período foi diretor do Arquivo Nacional, e realizou reformas substanciais quanto a organização do mesmo, até o momento, e mesmo depois, ninguém nunca fez tanto pelo arquivo quanto ele. Trouxe inúmeras pessoas de fora, de renome, como Theodore R. Schellenberg, que além de analisarem a situação arquivista, davam sugestões e ministravam cursos aos funcionários. Providenciou também a tradução de obras básicas desses e de outros autores, importantes para o estudo e entendimento das ciências humanas, em sua maioria, obras traduzidas pela historiadora Leda Boechat Rodrigues, profunda conhecedora da matéria, bem como erudita em inúmeros idiomas.

Após o período como diretor do Arquivo Nacional, José Honório permaneceu de forma mais enfática no magistério, período ao qual escreveu muitos de seus principais livros. Lembrando-nos ainda de sua participação no Programa de História da América, do Instituto Pan-Americano de Geografia e História e colaborando também com a *Historical Abstracts*, dos Estados Unidos. Foi ainda, membro da Comissão de Textos de História do Brasil, do Ministério das Relações Exteriores e da Academia Brasileira de Letras, além do já citado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, além de algumas outras instituições nacionais e estrangeiras.

Portanto, podemos perceber nessa simples exposição acerca de sua vida, que, primeiramente não seria possível falar da vida de José Honório desvencilhando-a de sua trajetória enquanto intelectual, até pelo fato de que, acreditamos que sua personalidade e amor ao seu povo e casa, são substanciais para o entendimento de seus interesses e escolhas por estudar a história e historiografia produzida pelo Brasil e por brasileiros.

No mais, nos atemos por aqui a falar da vida de José Honório, a partir desse momento daremos ênfase em tentar, por meio de pesquisas já realizadas e referências bibliográficas as quais já estamos dialogando, fazer um levantamento

acerca do que José Honório produziu, tendo ainda nesse entremeio, como intenção, tentar traçar um diálogo entre obra e história intelectual do mesmo.

### **Da classificação da obra**

Como já foi pontuado ao longo do texto, e como já expresse em certo aspecto na biografia que tentamos traçar acima, José Honório ocupa espaço de destaque na historiografia brasileira não apenas por pensar em aspectos muito importantes que dizem respeito a pesquisa e escrita da história, mas também pela vasta produção bibliográfica, escreveu dezenas de artigos em jornais e revistas, muitos foram aproveitados em livros, bem como os ensaios, no entanto, outros não foram, uma relação parcial foi apresentada por Lêda Boechat Rodrigues, em *Bibliografia de José Honório Rodrigues*, um folheio editado em 1956 e uma relação bem mais completa que foi feita por Raquel Glezer em sua tese de doutoramento na Faculdade de Filosofia da USP, em 1976. Em esperança de um trabalho mais vasto, o historiador Francisco Iglésias, que trabalhou com a obra de José Honório, tinha esperanças de que a tese de Glezer fosse editada em livro, no entanto, até o momento isso ainda não ocorreu.

Algumas das principais publicações são coletas de estudos, geralmente, artigos, conferências, opúsculos, prefácios, e os mais significativos são textos orgânicos, pensados e escritos como livros: são 28 títulos.

José Honório escreveu dezenas de prefácios em edições de textos, publicados pela Biblioteca Nacional, pelo Senado Federal, pelo Arquivo Nacional, pelo Ministério das Relações Exteriores e pelo Instituto do Açúcar e do Alcool, esses prefácios poderiam facilmente constituir muitos volumes. Sem contar com as inúmeras colaborações em livros de diversos autores, tanto no Brasil quanto no exterior.

Na dificuldade de catalogação de tudo, pelo tamanho que tomaria o presente artigo, consideraremos somente os títulos mais notáveis e importantes, e que lhe marcam o perfil de historiador, para tanto, tomamos como principal base, os escritos do professor Francisco Iglésias (1988), e considerarmos ainda a mais profícua fonte,

nesse sentido de catalogação de bibliografia, a tese de Raquel Glezer (1976), um trabalho genuíno e minucioso.

Seguindo, portanto, a perspectiva de Iglésias (1988), podemos classificar a vasta produção de José Honório em cinco grupos, são eles: 1. Teoria, metodologia e historiografia; 2. História de temas; 3. Ensaio historiográfico; 4. Obras de referência; e, 5. Edições de textos.

O campo de *Teoria, metodologia e historiografia*, é o mais numeroso do autor, e pelo pioneirismo, o mais significativo. De forma breve, podemos pontuar nesse campo: Teoria da história do Brasil (1949); Historiografia e bibliografia do domínio holandês no Brasil (1949); A pesquisa histórica no Brasil (1952); Brasil, período colonial (1953); O continente do Rio Grande (1954); História da história do Brasil, a historiografia colonial (1979).

Esses são sistemáticos, de grande alcance didático. O autor escreveu também inúmeros estudos de historiografia, mas como ensaios, que estão reunidos em diversos livros, que pontuaremos no campo três. Por esses livros mais didáticos, se formos ainda pela perspectiva de Glezer, muitos deles estão enquadrados na categoria de obras formativas, vejamos:

Chamamos de obras formativas as destinadas a propiciar aos iniciantes nos estudos históricos, mas não só a eles, a oportunidade de conhecer áreas especializadas no trabalho do historiador, como a metodologia histórica e a história da história. Estas obras caracterizam-se pelo volume de informações teóricas, debate de problemas conceituais, revisão de conceitos, problemáticas de pesquisa e abertura de novas áreas de trabalho para historiadores. (GLEZER, 1976, p. 63)

No que refere-se ao campo de *História de Temas*, temos o seguinte: Civilização holandesa no Brasil (1940), que foi sua estreia, feito com Joaquim Ribeiro; Brasil e África, outro horizonte (1961); O Parlamento e a evolução nacional (1972), marcado como primeiro volume da série de *Seleção de Textos Parlamentares*, em seis tomos e um de índices e personália; A Assembleia Constituinte de 1823 (1974);

Independência; revolução e contra-revolução (1976), em cinco volumes; O Conselho de Estado: quinto poder? (1978); O Parlamento e a consolidação do Império: 1840-61 (1982).

Se no campo que citamos anteriormente configuram-se alguns dos títulos mais representativos. Aqui apresentamos os trabalhos cujo o enfoque é nos grandes momentos e mais notáveis sobre algum aspecto da trajetória nacional ou do povo, bem como a abordagem de temas, fases, instituições, protagonistas.

Novamente tomando como base a divisão de Glezer, podemos notar que nesse campo, algumas das produções citadas, estão localizadas na classificação de obras informativas: "Obras informativas são aquelas que transmitem ao leitor informações consequentes, historicamente corretas e fundamentadas em sólida base bibliográfica e documental, sem preocupação quanto aos conceitos do autor e interpretação pessoal." (1976, p. 63)

Mais adiante, ao campo dos *Ensaio historiográficos*, temos as seguintes e principais obras: *Aspirações nacionais* (1963); *Conciliação e reforma no Brasil* (1965); *História e historiadores do Brasil* (1965); *Vida e história* (1966); *Interesse nacional e política externa* (1966); *História e historiografia* (1970); *História, corpo do tempo* (1976); *Filosofia e história* (1981); *História combatente* (1983); *História viva* (1985); *Tempo e sociedade* (1986).

Bem como as obras de escopo sistemático, que citamos acima, no primeiro campo, aqui estão reunidos os ensaios, cuja a tratativa também percorre a área da historiografia. E para além dos ensaios, damos destaque também nessa categoria, aos vários artigos em jornais e revistas, bem como prefácios e conferências. Inúmeros são ensaios de certo vulto, nos quais trabalha com seus temas preferidos. A persistência no gênero não é ao acaso, mas é recorrente de uma característica que o mesmo tinha, de certa dificuldade na síntese ao escrever, afinal, quem desempenha o papel de escritor e se satisfaz na tarefa, escolhe então o ensaio, pelo próprio tratamento dado à matéria e não por sua brevidade, inclusive, há um trabalho dedicado a análise somente de ensaios, veremos isso mais adiante.

Em nosso próximo campo, temos então, as *Obras de referência*, entre elas: Catálogo da coleção Visconde do Rio Branco (1953); os Índices anotados da Revista do Instituto do Ceará (1959) e da Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico do Pernambucano (1961). E também poderiam figurar dentre esse campo, As fontes da história do Brasil na Europa (1950) e Situação do Arquivo Nacional (1959).

Essas obras estão também localizadas dentro das obras informativas, citadas dentro do primeiro grupo de Glezer, é interessante notarmos que não há uma delimitação temporal na produção destas obras, em nossa perspectiva, um sinal de que, para José Honório, desde o início de seu ofício como historiador até o final de sua vida, as obras tem como cuidado básico a transmissão de informação histórica, revelando firme formação erudita e grande conhecimento da documentação histórica brasileira.

Passemos agora ao campo em que veremos as *Edições de textos*, nesse aspecto circundam dezenas de títulos: Os holandeses no Brasil (1942); Anais da Biblioteca Nacional (vols., 66 a 74, entre 1948 e 1963); Documentos históricos da Biblioteca Nacional (vols., 71 a 110, entre 1945 e 1955); Publicações do Arquivo Nacional (vols., 43 a 50, entre 1960 e 1962); Cartas ao amigo ausente, de José Maria da Silva Paranhos (1953); Correspondência de Capistrano de Abreu (3 vols., 1954 a 1956); O Parlamento e a evolução nacional (7 vols., 1972); Atas do Conselho de Estado (13 vols., 1978).

Poderiam ser listadas também as edições críticas de Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil, de John Nieuhof (1942); e Capítulos de história colonial, de Capistrano de Abreu (4. ed., de 1954). Sem ainda nos esquecermos dos prefácios a livros diversos, mais de 20, no total. Ao todo, como edição de textos, cerca de 100 volumes. E, cabe ainda esclarecer que, todos esses prefácios, como o esperado, são em demasia esclarecedores, às vezes longos, raramente simples notas.

Como podemos perceber até aqui, pelo levantamento breve de títulos, a obra é enorme, atestado de trabalho intenso, que como mencionado ao início do texto,

não se separa de sua vida, de modo a colocar José Honório entre os que mais produziram na bibliografia de história do Brasil.

É evidente que nossa intenção aqui não é catalogação completa da obra do autor, tendo até em vista a impossibilidade de fazê-lo em um breve artigo, esse é um trabalho minucioso, e que, já vem sendo feito desde a década de 70, e, é acerca desse aspecto o item que trataremos em nossa próxima parte.

Não necessariamente falaremos apenas da catalogação que vem sendo feita pelos pesquisadores da obra de tão notável historiador, mas, o porquê, de acordo com nossa percepção até o momento, esse é o aspecto mais explorado de uma obra tão vasta, o que nos levará a um estudo acerca da recepção da obra de José Honório.

### **Da recepção da obra**

O intuito de tratar agora a questão da recepção da obra de José Honório na academia, parte de um questionamento do porquê, um historiador com uma obra tão volumosa e importante, que tratou de temas a respeito do ofício do historiador em um período em que essa não era a discussão que se fazia presente no país, não é tão mencionado nos campos de pesquisa teórica.

Portanto, para tentarmos compreender o porquê de tal questão, devemos compreender como ocorre o que chama-se de *Estética da Recepção*. Para Regina Zilberman (1999), as principais concepções acerca do assunto, começaram a circular pelo Brasil pelo fim dos anos 70, com a coletânea *A literatura e o leitor*, de 1979, organizada pelo professor Luiz Costa Lima. Ainda segundo Zilberman (1999, p. 8), anos depois, Lima revisa uma antologia de textos básicos, chamada *Teoria da literatura em suas fontes*, que fora proposta anos antes, e divide-a então em uma nova versão, com dois volumes, acrescentando um segmento dedicado à Estética da Recepção, sendo assim, a autora afirma, que pode-se balizar entre os anos de 1979 e 1984 o período em que as principais ideias dessa corrente são introduzidas no Brasil.

Esses dois livros organizados por Lima, tem sob o mesmo teto, os dois principais nomes da chamada Escola de Constança<sup>3</sup>: Jauss e Iser. Sob a perspectiva dos dois, a recepção irá corresponder a potencialidades concretas de leitura, que cada criação artística traz consigo, o que não quer dizer que seja sempre a mesma, mas justamente o contrário, diferem de acordo com as diferentes questões que cada época coloca ao texto.

Sendo assim, partindo da proposta metodológica da Estética da Recepção, ela coleta questionamentos colocados as obras ao longo do tempo, portanto, o resultado disso, é que, a história da literatura<sup>4</sup> irá verificar não a sequência de autores e suas produções cristalizadas em determinado momento do passado, mas, sim, como ocorreu e vem ocorrendo a comunicação e diálogo desses produtos com o público.

Segundo Jauss (1975, apud Zilberman, 1999, p. 13), ela não tem pretensão de originalidade, ao contrário disso, ela recorre as conclusões de diferentes correntes de pensamentos, para, a partir disso, colher elementos que coloquem a disposição um entendimento mais adequado da obra, bem como, de suas formas de comunicação com o leitor.

Conforme já mencionamos ao início desse texto, o cuidado com a história é recente, vista somente após muito tempo como categoria científica, ela dispõe de métodos e técnicas particulares, que lhe dão rigor e operacionalidade. Somente com a criação dos cursos de história e de outras ciências sociais na década de 30, que o ofício do historiador deixa de ser visto como amadorismo ou lazer para tornar-se profissão, deixa de ser visto como somente arte ou com fins patrióticos, catequéticos, ou de saudosismo do passado, para assim, adquirir um enfoque o quanto possível científico.

Isso é possível com o aprimoramento, estudo e entendimento de nossas formas de trabalho, com o que chamamos de disciplinas auxiliares, bem como com o

---

<sup>3</sup> Ficou conhecida por Escola de Constança, os estudos elaborados por Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser acerca de estética da recepção, com a proposta teórica do desdobramento crítico acerca de uma prática interpretativa que ausentou esse fato constitutivo no (auto)engano ideológico de determinada objetivação de juízo estético.

<sup>4</sup> Entendemos aqui, o termo literatura, como simplesmente texto.

instrumental interpretativo de outras ciências, que utilizam a história e passam também a servi-la, com o intuito de superar a narrativa pela explicação ou compreensão. Sendo assim, consagra-se a interdisciplinaridade das análises sociais, e do entendimento da sociedade como totalidade, dessa forma, são "impostas" novas temáticas e um rigor, que até então, naquele período, não era buscado.

O que nos leva exatamente ao que foi exposto acerca da recepção e conforme a explanação que fizemos sobre a produção de José Honório, notamos que, nas décadas de 40 e 50, as produções, principalmente de ensaios e livros orgânicos acerca de teoria da história e historiografia são maiores, período e temas ao qual, veremos um pouco adiante, não são tão recorrentes de estudo.

José Honório, com todas as viagens e estudos, e percepção do que ocorria nos estudos nesse sentido fora do Brasil, trouxe outra visão do documento e da arquivística, de formas reprográficas eficientes, o uso de instrumentos tecnológicos, como o computador, buscava ultrapassar a fase artesanal de pesquisa, para assim impor-se os empreendimentos de grupos, com uma nova visão da disciplina e seu estudo.

Conforme podemos notar em Freixo (2013), José Honório acreditava que o Brasil estava atrasado em relação aos EUA em pelo menos 60 anos, no que refere-se a pesquisa histórica e seus procedimentos. Em um texto publicado na Revista do IHGB, José Honório (1945, p. 20) diz que não seria possível ter confiança em documentos editados que não possuíam crítica de texto nem em livros raros publicados fora das regras da edição crítica. Dizendo ainda que História sem documentos autênticos e sem edição crítica de fontes primárias não poderia merecer confiança nem respeito, e que não poderíamos dar um desenvolvimento aos estudos históricos no Brasil sem a introdução de modernos processos adotados nos países mais adiantados. E, complementando, acerca dos estudos acerca do ofício, o mesmo se poderia dizer da necessidade inadiável e urgente da cadeira de introdução à história, até àquele momento inexistente no currículo das universidades brasileiras.

Portanto, vamos compreendendo que, já a partir do exercício do jogo de leitura que José Honório colocou em prática, ele pôde perceber como essa dinâmica o conduzia ao resultado final. Segundo Iser (1979) os textos são resultados de atos intencionais, pelos quais os autores referem-se e intervêm em mundos existentes, todavia, conquanto o ato seja intencional, eles tem como perspectiva algo que ainda é inacessível à consciência, vejamos:

Assim o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, interpretá-lo. Essa dupla operação de imaginar e interpretar faz com que o leitor se empenhe na tarefa de visualizar as muitas formas possíveis do mundo identificável, de modo que, inevitavelmente, o mundo repetido no texto começa a sofrer modificações. (ISER, 1979, p. 107)

Podemos e achamos interessante pontuar, fortemente, que José Honório percebeu a importância dos avanços na pesquisa e escrita da história no Brasil, mediante essas interações que conseguiu fazer, obtendo assim um diálogo rico com áreas que até então, não levantavam interesse no país. O que nos cabe fazer, portanto, é a pergunta: e nós, estudiosos e comentadores da obra de José Honório, conseguimos estabelecer diálogos por meio de interações e esmiuçar obra tão grande e importante?

No que refere-se aos estudos feitos sobre José Honório, mediante nossa catalogação, a maior quantidade de materiais produzidos foram acerca da grandiosidade da obra do autor, ou, o fato do mesmo ter sido o precursor dos estudos da historiografia brasileira, e, o que nos chama a atenção, é que, mesmo sendo já conhecida a importância do mesmo para a Teoria da História no Brasil, existem poucos trabalhos que vão atrás de pesquisar a história conceitual construída José Honório.

A obra do autor é estudada desde a época em que o mesmo ainda estava vivo, tendo como foco principal, as primeiras e mais notáveis pesquisas sobre o mesmo, a catalogação de suas obras, a dissertação de 1976 de Glezer é dos trabalhos mais

completos de catalogação da obra de José Honório, outro trabalho recorrentemente citado por pesquisadores do mesmo, é o texto de Iglésias de 1988, ambas as obras utilizamos ao longo desse trabalho.

Temos também de José Otávio de Arruda Mello, *Revisão e Combate no Grupo José Honório Rodrigues*, que faz parte de uma obra organizada em conjunto pelo autor e por Leda Boechat Rodrigues (1994), como já mencionado, esposa de José Honório.

Em uma busca rápida pelo nome de José Honório, achamos grande potencialidade de materiais, alguns artigos de relevância, como os produzidos pelo professor André de Lemos Freixo, que traz tanto uma análise acerca do projeto pensado, no entanto não terminado de José Honório, de um instituto de pesquisa, em seu texto *Ousadia e redenção: o Instituto de Pesquisa Histórica de José Honório Rodrigues*, de 2013, como um estudo acerca da historiografia brasileira por meio das perspectivas de José Honório, no texto com o nome de *Um 'arquiteto' da historiografia brasileira: história e historiadores em José Honório Rodrigues*, de 2011, onde endossa também, nossa opinião acerca de estudos em muito maior quantidade biográficos e classificatórios.

Outro artigo de suma importância que visa mais que a catalogação do autor, também do professor Freixo, é *José Honório Rodrigues na Biblioteca Nacional (1946-1953) – (re)considerando as relações entre memória e história*, de 2015, onde o autor estabelece uma relação entre memória, instituição pública e história, com o intuito de identificar o enraizamento no tempo histórico e demonstrar sua dimensão ético-política.

E, como pesquisador ao qual entendemos ser, o que atualmente, mais produz e dedica-se ao tema, cabe destaque a tese de doutoramento do professor Freixo, defendida pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no ano de 2012, intitulada *A arquitetura do novo: ciência e história da História do Brasil em José Honório Rodrigues*, genuíno trabalho onde faz uma análise de como José Honório articulou a renovação dos estudos históricos no

Brasil, demonstrando como o autor articula seu programa que visava estabelecer bases científicas para a escrita da História.

Portanto, em nossa perspectiva, Freixo é quem melhor desenvolveu pesquisas e trabalhos mais profundos acerca da historiografia em José Honório, abordando as principais ideias do mesmo.

Conforme aponta a professora Maria da Glória (2012), os investimentos em publicações de edições críticas e comentadas de textos historiográficos, ou de Teoria da História, no Brasil, sempre foram tímidos, principalmente no que tange alunos de graduação e pós-graduação na área de humanidades, e que, somente recentemente que esse nicho editorial começou a ser preenchido e, portanto, mais estudado.

Com isso, pensamos que, nos voltando para o estudo da estética da recepção, temos maior entendimento do porquê, somente nos últimos anos, e com esses trabalhos mais recentes, temos um maior esforço de entendimento da constituição do pensamento de José Honório.

Vejamos o que nos diz a professora Zilberman acerca da sociologia da leitura: “Seu objetivo é estudar o público enquanto fator ativo do processo literário, já que as mudanças de gosto e preferência interferem não apenas na circulação, e portanto na fama, dos textos, mas também em sua produção.” (1989, p. 17)

Portanto, de acordo com o que percebemos até aqui, pontuando da década de 70 até Freixo, sendo um pesquisador da obra do autor, temos o seguinte: Glezer (1976) e Iglésias (1989), junto aos trabalhos de Leda Boechat, como pesquisas fundamentais, que norteiam biograficamente a história de José Honório. E, por ordem cronológica, somente de Freixo, publicações em 2011 (artigo), 2012 (tese), 2013 (artigo) e 2015 (artigo), e outros, que norteiam um pensamento mais profundo da historiografia do autor.

Como podemos notar, com as mudanças de perspectivas e foco de leitura no país, muda-se também a perspectiva de interpretação e novas abordagens são feitas, pontuando aspectos que, outrora, não eram desprezados, no entanto, não chamavam tanto atenção como foco de pesquisa. Talvez pelo fato de que, na época da

confeção dos trabalhos das décadas de 70 a 90, o entusiasmo com as colocações de Jose Honório acerca da arquivística, organização, e catalogação de documentação, aliadas ao trabalho prático que o mesmo desempenhou em diversas instituições, conforme já pontuamos aqui, tenham interessado bem mais no momento, e as leituras críticas da Teoria da História ainda não eram tão comuns.

Para seguir em nossa análise da recepção da obra do autor, avançaremos um pouco nos demais trabalhos que foram produzidos acerca do mesmo nos últimos anos, deixando claro que, nossa intenção não é em aspecto algum dar a entender que as produções de ordem teórica dos pensamentos de José Honório são mais importantes que os trabalhos biográficos e/ou de catalogação da obra, nossa intenção é apenas pontuar, que no que se refere ao que vem sendo produzido acerca do mesmo, em nossa perspectiva, criou-se essas duas vertentes de pesquisa e produção.

Um trabalho que visa fazer uma análise mais profunda da obra de José Honório é a Dissertação de Ana Luiza Marques, defendida pelo Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, no ano de 2010, que tem como título, *José Honório Rodrigues: uma sistemática teórico-metodológica a serviço da história do Brasil*, nessa pesquisa, Marques analisou a sistemática teórico-metodológica que José Honório Rodrigues apresentou em seu projeto: Teoria da História do Brasil, A Pesquisa Histórica no Brasil e História da História do Brasil. Onde demonstra que, para essa sistemática, existem dois campos de pesquisa, o da pesquisa que utiliza-se de métodos críticos para descoberta de fatos em documentações e o da historiografia enquanto interpretação de sentidos dos fatos de acordo a "concepção de mundo" do historiador.

A dissertação de mestrado, defendida por Érika Uhiara, intitulada *Ensaios de José Honório Rodrigues: em busca de uma historiografia brasileira*, defendida pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", em 2014, teve como intuito acompanhar um movimento mais amplo de renovação do interesse pela história da historiografia brasileira e teve também

como intuito analisar os ensaios publicados por Rodrigues, entre as décadas de 50 e 80, para avançar no conhecimento de suas reflexões a respeito da natureza e do que considerou, em sua época, como novas perspectivas do trabalho do historiador.

Cesar Leonardo Van Kan Saad, defendeu a dissertação, com o título *Um teorista nos trópicos: a escrita de Teoria da História do Brasil de José Honório Rodrigues (1939 –1949)*, em 2016, pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A dissertação tem como objetivo investigar o conceito de “teoria da história”, ao qual José Honório Rodrigues sustenta, na escrita de seu livro *Teoria da História do Brasil*, publicado em 1949. O que abre horizontes para compreender por meio da escrita de Rodrigues a compreensão que o mesmo tem acerca da historicidade e da constituição da história como disciplina no Brasil. O trabalho de Van Kan Saad faz ainda uma reflexão acerca do percurso que levou o livro a ser publicado.

Há ainda o trabalho de Paulo Alves Junior, que defendeu a Tese intitulada *Um intelectual na trincheira: José Honório Rodrigues, intérprete do Brasil*, no ano de 2016, no Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, nesse trabalho, o autor analisou a figura de José Honório enquanto intérprete da sociedade brasileira, tomando como análise o núcleo interpretativo que oferece uma compreensão do país, focado na conciliação como base de explicação da sociedade, pois a partir dessa reflexão, segundo Junior, o autor apontaria para os momentos aos quais a liderança política, assumindo a “conciliação” com o povo, proporciona a melhoria nas condições de vida do povo. Essa é uma análise de cunho sociológico, que toma como base uma análise também política, no entanto, é evidente, não deixa de ser uma enorme contribuição para traçar a importância do autor para o cenário acadêmico.

Esses trabalhos aqui mencionados, em nossa percepção são de extrema importância para os estudos acerca da história intelectual e conceitual de José Honório, e, conforme já foi pontuado, consideramos também de extrema importância as pesquisas que nos situam sobre a produção do autor.

Por isso, cabe ressaltar que há um interessante artigo do professor Luciano Aronne de Abreu, professor da PUC-RS, intitulado *Histórias da nossa história: o acervo de José Honório Rodrigues*, de 2011, nesse artigo o professor faz um apanhado acerca do acervo de José Honório Rodrigues, que está sob a guarda do Espaço de Documentação e Memória Cultural Delfos, da PUC-RS, bem como faz breves indicações sobre o seu conteúdo e potencialidades de pesquisa, onde informa também que parte do acervo encontra-se sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo (USP). Um importante excerto que nos dá noção acerca do estado da arte do recorrente tema.

Sendo assim, nosso esforço de demonstrar a mudança (mas também a continuidade) na perspectiva de análise da obra do referido autor perpassa por aspectos importantes da Estética da Recepção, que nos ajuda a compreender que, conforme aponta Zilberman: “[...] a recepção de um texto encontra-se no interior de um sistema literário” (1989, p. 34). Portanto, não interroga-se pessoas, pois elas poderiam fornecer poucas ou questionáveis respostas, mas sim a obra, porque na medida em que participam de um processo de comunicação, e precisam ser compreendidas, elas se apropriam de um código vigente, por mais inovadora que seja determinada obra, ela não se apresenta como uma novidade absoluta.

Para que se dê ênfase na análise da construção do pensamento de José Honório, não é necessário que se cessem as pesquisas, acerca de sua biografia e bibliografia, os avanços e pesquisas feitas a partir de 2000, que buscam estudar profundamente as propostas sugeridas por José Honório dos idos anos 40 até sua morte em 87, estão tomando corpo, e isso é necessário, para dar continuidade a história do historiador que utilizava conceitos como “consciência histórica”, comumente ligado aos estudos de Jörn Rüsen no Brasil, em um período em que esse tema era ainda colocado (não “descoberto”?) de lado.

Se declararmos que a tarefa do historiador tem início com o gesto de reunir, selecionar e transformar os rastros do passado em fontes documentais, não é

então, difícil reconhecer a importância da edição crítica de documentos no campo diverso de tarefas que compõem a operação historiográfica.

Atualmente, a necessidade de transcender a produção de catálogos de autores e obras ou de inventários bibliográficos que, tradicionalmente, se confundiram com os estudos da historiografia, tornou-se de extrema importância para a definição dos seus objetos, a caracterização de problemas e de pautas específicas de investigação como sendo parte de um processo constituinte do saber histórico.

### Referências

ALVES JUNIOR, Paulo. **Um intelectual na trincheira: José Honório Rodrigues, intérprete do Brasil**. 2010. 228 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2010.

ARAÚJO, Amanda Araújo de; ABREU, Luciano Aronne de. História da nossa história: o acervo de José Honório Rodrigues. **Estudos Ibero-Americanos**, PUC-RS, v. 37, n. 2, p. 319-332, jul./dez. 2011

FREIXO, Andre de Lemos. **A arquitetura do novo: ciência e história da História do Brasil em José Honório Rodrigues**. 2012. 417 f. Tese (Doutorado em História) – Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História Social do Instituto de História da UFRJ, 2012.

\_\_\_\_\_. André. José Honório Rodrigues na Biblioteca Nacional (1946-1953) - (re)considerando as relações entre memória e história. **Revista Escrita da História**, n. 2, p. 49-81, 2015.

\_\_\_\_\_. André de Lemos. Ousadia e redenção: o Instituto de Pesquisa Histórica de José Honório Rodrigues. **História da Historiografia**, p. 140-161, 2013.

\_\_\_\_\_. Andre. Um 'arquiteto' da historiografia Brasileira: história e historiadores em José Honório Rodrigues. **Revista Brasileira de História**, v. 31, n. 62, 2011.

GLEZER, Raquel. **O fazer e o saber na obra de José Honório Rodrigues: um modelo de análise historiográfica**. 1976. 241 f. Tese (Doutorado em História). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1976.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Historiografia e cultura histórica: notas para um debate. **Ágora: revista de história e geografia**, Santa Cruz do Sul, vol.1, n.1, março 1995.

IGLÉSIAS, Francisco. José Honório Rodrigues e a historiografia brasileira. **Revista Estudos Históricos**, v. 1, n. 1, p. 55-78, 1988.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Coordenação: Luiz Costa Lima, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83 – 132.

\_\_\_\_\_. Wolfgang. O jogo do texto. In: **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Coordenação: Luiz Costa Lima, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 105 – 118.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Coordenação: Luiz Costa Lima, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 67 – 103.

MARQUES, Ana Luiza. **José Honório Rodrigues: uma sistemática teórico-metodológica a serviço da história do Brasil**. 2000. Dissertação (Mestrado em História) Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2000.

OLIVEIRA, M. Gloria de. A história da historiografia brasileira e suas evidências. **História da Historiografia**, n. 10, p. 274-278, 2012.

PRESSLER, Gunter Karl. Três leitores: A contribuição da escola de constança para o estudo da literatura. **MOARA–Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras ISSN: 0104-0944**, v. 2, n. 12, p. 19-41, 1999.

RODRIGUES, José Honório. Uma viagem de pesquisas históricas. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, 134-135: 14-29, jul.-set, 1945.

\_\_\_\_\_. José Honório. Historiografia Brasileira em 1945. In: **Notícia de Varias Histórias**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951.

\_\_\_\_\_. José Honório. Historiografia Brasileira em 1946. In: **Notícia de Varias Histórias**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951.

\_\_\_\_\_. José Honório. **Teoria da História do Brasil: introdução metodológica**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949.

\_\_\_\_\_. José Honório. **Pesquisa Histórica no Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional/INL, 1952.

RODRIGUES, Lêda Boechat (org.). **Nova correspondência de José Honório Rodrigues**. Rio de Janeiro: ABL, 2004.

SAAD, César Leonardo Van Kan. **Um teorista nos trópicos: a escrita de Teoria da história do Brasil de José Honório Rodrigues (1939-1949)**. 2016. 233 f. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

UHIARA, Érika. **Ensaio de José Honório Rodrigues: em busca de uma historiografia brasileira**. 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado em História). Franca: Universidade Estadual Paulista, 2014.

ZILBERMAN, Regina. A estética de recepção e o acolhimento brasileiro. **MOARA–Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras ISSN: 0104-0944**, v. 2, n. 12, p. 07-17, 1999.

\_\_\_\_\_. Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: 1989.

Recebido em: 22/06/2018

Aprovado em: 20/07/2018